

## **TURNOS DA FALA**

Ana Marlene de Souza Brito - PG/UEMS

Alline Olívia Flores Além - PG/UEMS

Mauren Vanessa - PG/UEMS

**RESUMO:** A temática abordada nessa pesquisa foram os turnos da fala. Dessa forma apresentou como problema: de que forma os diferentes teóricos tem apresentado sistematicamente os estudos relacionados a análise da conversa? O objetivo da investigação foi o de estudar os argumentos dos autores diante dessa realidade sobre o enfoque da Sociolinguística. Na investigação dessa temática, buscou-se compreender o debate e o posicionamento de cada um dos teóricos que versam sobre esse assunto, centrando especial atenção aos estudos que abordam sobre a fala cotidiana e não institucionalizada. O processo de investigação foi realizado por meio de coleta de dados abarcando os vários recursos, tais como revistas especializadas, livros, periódicos, partindo da perspectiva da pesquisa explicativa como meio de identificar os elementos que produziram ou que cooperaram para a realização da análise. O referencial teórico teve como foco a conversação e os turnos da fala. Apresentaram-se como base de atuação, autores como Marcuschi (2001), Rodrigues (1999), Galembeck (1999), Marega & Jung (2011). O aprofundamento teórico trouxe como reflexão a necessidade de um melhor preparo profissional no que diz respeito ao assunto e a necessidade de aprofundamento dos estudos na temática.

**Palavras-chave:** Análise da Conversa. Conversação. Turnos da Fala.

## **Introdução**

O tema abordado no presente estudo foram turnos da fala. A sistemática dos estudos da fala foi elaborada muito recentemente e somente agora o campo disciplinar começa a se configurar e se firmar enquanto campo de estudo da Linguística. É muito comum ainda hoje vários profissionais afirmarem que a fala é caótica e não planejada, entretanto os estudos da Análise da Conversação têm demonstrado que a fala possui um planejamento e uma organização, mesmo que espontânea.

Dessa forma, o presente estudo tem o objetivo de revisar a literatura especializada que versa sobre os turnos da fala e que se constitui em um dos temas mais recorrentes nos estudos apresentados pela Análise da Conversação. Na sistemática apresentação dos estudos apresentamos as noções básicas que norteiam os estudos que utilizam a abordagem que recentemente vem sendo chamada de fala-em-interação. Assim, apresentamos os conceitos básicos que orientam a discussão e as análises dos turnos da fala no intuito de melhor compreender como as pessoas realizam as ações através da fala.

Para alcançar os objetivos propostos organizamos a exposição no artigo partindo de uma discussão sobre as características organizacionais da conversação, destacando as discussões que versam sobre a linguagem oral, a fala e a língua que são componentes básicos para que a conversação aconteça. Após, apresentaremos um breve histórico sobre o processo de formação do campo de conhecimento que envolve o

contexto de desenvolvimento da análise da conversa. Por fim, focamos na temática objetivada no artigo que são os turnos da fala e como esses são apresentados e estudados por diferentes teóricos.

O estudo da temática não foi uma tarefa fácil, sobretudo quando se percebe o quanto próxima ela está das nossas ações e os quão poucos sabem sobre o tema. Assim, fica evidente a necessidade de maior aprofundamento da temática.

## **CARACTERÍSTICAS ORGANIZACIONAIS DA CONVERSAÇÃO**

De acordo com Marcuschi (2003) a conversação é a primeira das formas de linguagem a que nos expomos e a única da qual jamais abdicamos. Quando dois falantes exercem essa atividade num dado momento e espaço, estão exercendo uma atividade característica e privativa do ser humano que é a atividade verbal.

Quando desenvolvem sua atividade verbal, na forma de diálogo, os interlocutores alternam seus papéis, ora como falantes e ora como ouvintes, construindo, assim, um texto conversacional, elaborado numa determinada situação de comunicação. Dessa forma, temos que, todo evento de fala acontece em um contexto situacional específico – ambiente extralinguístico: “a situação imediata, o momento e as circunstâncias em que tal evento acontece, envolvendo, inclusive, os próprios participantes com suas características individuais e possíveis laços que os unam” (RODRIGUES, 1999, p. 18).

A conversação é a matriz da aquisição da linguagem, um gênero básico da interação humana e de natureza essencialmente dialógica. É um evento da fala que possui caráter especial por corresponder a uma interação verbal centrada que se desenvolve no tempo em que dois falantes se atentam a essa tarefa comum que consiste na troca de ideias sobre determinado assunto, de forma natural e espontânea no cotidiano. Destaca-se o fato de que a questão temporal é fundamental na conversação, mas a questão espacial é relativa, pois que esta não precisa necessariamente ocorrer face a face, como é o caso da conversa telefônica.

A análise da organização elementar de uma conversação possui cinco características básicas constitutivas: interação que se dá entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução numa identidade temporal; e envolvimento numa interação centrada.

Essas características permitem analisar a conversação como uma interação verbal centrada, desenvolvida ao longo do tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum. Nem sempre a conversação acontece face a face, entretanto a interação centrada é condição necessária, pois os acompanhamentos linguísticos de ações físicas não caracterizam uma conversação. Dessa forma, excluem das conversações os monólogos, os sermões, as conferências, haja vista que, para que haja conversação se faz necessários dois falantes e uma troca de turnos.

O início de uma interação se dá no momento em que as pessoas abrem-se para um evento em que as expectativas serão montadas. Determinados casos, alguém com propósitos definidos propõe o tema e supõe que um outro em concordância inicia a conversação, indicando que além do tema em mente possui uma pressuposição básica que é a aceitação do tema pelo outro.

Com o início da interação, os participantes passam a agir com atenção para os fatos linguísticos e paralinguísticos: os gestos, olhares, expressões, etc.. Para tanto se faz necessário compreender o que é a fala e como esta se articula na conversação. Para Marcushi (2001, p. 25)

[...] a fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

A sustentação da conversação pressupõe que as pessoas partilham um mínimo de conhecimento comum, pois entre eles estão a aptidão linguística, o envolvimento cultural e o domínio as situação social que envolve todo o universo da linguagem e que faz parte de um universo amplo, coletivo e mais abrangente que a língua e a fala.

Nesse sentido, Saussure (1995, p. 19) ao estudar a língua e sua relação com o conjunto da linguagem parte da análise do que é o circuito da fala. O circuito da fala “supõe pelo menos dois indivíduos; é o mínimo exigível para que o circuito seja completo” e constitui de três fenômenos: psíquico, fisiológico e físico.

O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas, por exemplo, A, onde os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente *psíquico*,

seguido, por sua vez, de um processo *fisiológico*: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de *A* até o ouvido de *B*: processo puramente *físico*. Em seguida, o circuito se prolonga em *B* numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação psíquica dessa imagem com o conceito correspondente. Se *B*, por sua vez, fala, esse novo ato seguirá – de seu cérebro ao de *A* – exatamente o mesmo curso do primeiro e passará pelas mesmas frases sucessivas [...] (SAUSSURE, 1995, p. 19).

Entretanto, ressalta Saussure (1995), esse processo só é contínuo entre falantes da mesma língua, portanto, no plano social e não individual já que os indivíduos se integram pela linguagem e reproduzem o mesmo signo. Quando falantes de línguas diferentes tentam estabelecer a comunicação à parte física desaparece.

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la "material", e somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. É porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos "fonemas" de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão a palavra falada, a realização da imagem interior no discurso. Com falar de sons e de sílabas de uma palavra, evita-se o mal-entendido, desde que nos recordemos tratar-se de imagem acústica (SAUSSURE, 1995, p. 80).

Saussure (1995) não chega a definir o que é a língua. Refere-se a ela como uma parte constituinte da linguagem e que se confunde com a mesma, pois que a língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias.

A língua, ao contrário, é um todo em si mesmo e um princípio de classificação. Uma vez que nos lhe atribuímos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação (SAUSSURE, 1995, p. 17).

De igual modo, não se encontra em Saussure uma definição precisa do que é a fala, já que este se refere a esta como um signo linguístico que “une uma coisa a uma palavra e uma imagem acústica. [...] a impressão psíquica desse som”. Partindo da dicotomia entre língua e fala define uma na relação com a outra, sendo que a língua se opõe a fala. A língua é um produto coletivo e a fala é particular, portanto a língua é um

dado social e a fala um dado individual. A língua é sistemática e a fala é assistemática (SAUSSURE, 1995, p. 80).

Nesse sentido, Rodrigues (1999, p. 16) nos leva a perceber, que pelo fato de que a língua é um dado social e a fala um dado individual, ao citar os estudos de Sterger que há de fato uma distinção entre os diálogos: diálogos assimétricos e diálogos simétricos. O primeiro não chega a caracterizar uma conversação propriamente dita, pois que nesse tipo de diálogo apenas um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e a pressão sobre os demais participantes: entrevistas, inquéritos, aula expositiva.

Os diálogos simétricos se dão a partir da interação entre vários participantes e os mesmos possuem os mesmo direitos à escolha das palavras, dos temas e do tempo da conversação e os casos mais característicos dessa modalidade de conversação são as conversas diárias e naturais no dia-a-dia.

Na conversação assimétrica, um dos interlocutores "ocupa a cena", por meio de uma série de intervenções de nítido caráter referencial, ou seja, de intervenções nas quais se desenvolve o tópico ou o assunto do fragmento. O outro participante só contribui com intervenções episódicas, secundárias em relação ao tópico do fragmento conversacional (GALEMBECK, 1999, p. 58).

Mas vale ressaltar que nem sempre a simetria de papéis e direitos se dá de fato, uma vez que as diferenças socioeconômicas e culturais ou mesmo de poder entre as pessoas deixam os falantes em condições diferentes na participação dos diálogos. A construção e a negociação das identidades na interação e a própria colocação das palavras nos discursos formulados afetam a condição de simetria.

## **ANÁLISE DA CONVERSA**

Análise da Conversa (AC), nasceu da tradição anglo-americana nascida a partir de uma vertente da Sociologia que é a disciplina de Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva que pretendia romper com os modelos e métodos pré-estabelecidos da sociologia. Nesse contexto de mudanças acadêmicas surge a AC como um aparato metodológico de investigação da ação realizada pelas pessoas por meio da linguagem, ou seja, a unidade de análise da AC é a ação social humana (GARCEZ, 2008).

A Etnometodologia é um movimento acadêmico que procura estudar os métodos étnicos dos participantes da pesquisa na produção e interpretação da interação social. A escola foi fundada por Harold Garfinker (1967) para lidar com questões que envolvem as explicações do como as pessoas produzem a realidade social no processo interativo e através deste. Nesse sentido, a realidade social é compreendida como uma produção local, no aqui e agora, durante o curso da ação, e, endogenamente – no interior da situação, audiovisualmente e na interação pelos participantes. Dessa forma, reespecifica a ordem social, estudada como fenômeno construída a partir das ações ordinárias e cotidianas dos membros dos grupos sociais reconhecendo-as no contexto em que se desenvolve (FLICK, 2004).

O programa de pesquisa da etnometodologia vem sendo realizado nas pesquisas empíricas da Análise da Conversa, tendo como precursor o estudioso/sociólogo Harvey Sacks (1935-1975) para quem a fala-em-interação é sistematicamente organizada e profundamente ordenada.

Sacks foi buscar entender a atividade da vida social comunicação face a face; (as relações de ordenamento e significação enquanto as pessoas conversavam na fala-em-interação). Para entender isso ele usou um gravador de áudio (uma inovação nos anos de 1970) a fim de captar os pequenos detalhes que compõem cada interação. Eles demonstraram que as pessoas não conversam de maneira caótica ou desordenada. Ao contrário, revelou que as interações humanas são altamente organizadas, que há várias formas como os interagentes revelam o entendimento do que estão falando e que há um trabalho prático da vida social realizado durante as interações [...] (BORGES; SOUZA, 2014, p. 3).

Iniciada nos anos de 1960 aprofundou seus estudos nos anos de 1970 na descrição das estruturas da conversação e nos seus mecanismos organizadores. Para tanto, norteou-se pelo princípio básico de que todos os aspectos da ação e interação social são passíveis de serem examinados e descritos a partir da organização estrutural convencional e institucional.

O foco da análise da conversa não é o significado subjetivo para os participantes, mas a forma como essa interação é organizada. O tópico de pesquisa é o estudo da vida cotidiana, por isso é crucial o papel do contexto em que as interações ocorrem. Cada evento de fala-em-interação apresenta esforços de produção dos membros ali mesmo, ou seja, das contribuições conversacionais dos membros. Enfim, a Etnometodologia preocupa-se com a descrição dos métodos dos membros, em vez de suas perspectivas, a fim de descrever o processo em estudo a partir de dentro (BORGES, GONÇALO, 2010, p. 3).

Atualmente, os estudos da Análise da Conversa centram especial interesse nos conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais e vem sendo chamada de estudos da fala-em-interação.

O objetivo central da Análise da Conversa ou estudos da fala-em-interação é descrever, segundo Borges e Gonçalo (2010), as competências e os procedimentos envolvidos na produção dos diferentes tipos de interações sociais. A fala das pessoas é estudada por si, sem levar em consideração os pensamentos, as emoções, as atitudes, as crenças, as experiências de vida, considerados subjacentes à fala e que podem ser expressas por ela. A Análise da Conversa trata da fala como uma forma que as pessoas possuem de fazer as coisas no mundo e não a linguagem, compreendida como um sistema abstrato de regras, mas se ocupa da linguagem como um meio de interação. O importante é estudar as falas nas práticas sociais, nas conversas produzidas em situações de fala-em-interação.

## **A SISTEMÁTICA DE TOMADA DE TURNOS**

De acordo com Marcuschi (2003) a conversação possui uma série de elementos abstratos e particularização local que levaram Sacks, Schegloff e Jefferson em artigo escrito em 1974, considerado o que melhor descreve os componentes e o conjunto de orientações normativas que constitui o sistema de troca de falas. No artigo, os autores, explicam que existem diferentes maneiras de construção do turno da fala, denominadas de Unidades de Construção de Turno (UCTs) que podem ter a extensão de uma palavra ou de uma frase inteira.

Galembeck (1999) ao versar sobre o assunto importa-se em melhor definir o termo “turno”:

A ideia de turno - de acordo com o senso comum - está ligada às várias situações em que os membros de um grupo se alternam ou se sucedem na consecução de um objetivo comum ou numa disputa: jogo de xadrez, corrida de revezamento, mesa-redonda. Em todas essas situações, cada participante dispõe, para a consecução de sua tarefa, de um período de tempo (fixo ou não), o qual vem a constituir um turno (GALEMBECK, 1999, p. 60).

A tomada de turnos é definida como um conjunto de orientações normativas que regem a intervenção social humana para a distribuição, manutenção ou transferência dos turnos de fala entre os participantes de uma interação. “[...] o turno pode ser tido como aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio. Difícil, contudo, definir com precisão quando se constituiu ou não um turno” (MARCUSCHI, 2003, p. 18).

Segundo a teoria de Sacks, Schegloff & Jefferson as orientações são:

- (1) A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre;
- (2) Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez;
- (3) Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves;
- (4) Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições;
- (5) A ordem dos turnos não é fixa, mas variável;
- (6) O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável;
- (7) A extensão da conversa não é previamente especificada;
- (8) O que cada um diz não é previamente especificado;
- (9) A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada;
- (10) O número de participantes pode variar;
- (11) A fala pode ser contínua ou descontínua;
- (12) Técnicas de alocação de turno são obviamente usadas. Um falante corrente pode selecionar um falante (como quando ele dirige uma pergunta à outra parte) ou as partes podem se auto selecionar para começarem a falar;
- (13) Várias “unidades de construção de turnos” são empregadas; por exemplo, os turnos podem ter projetadamente a “extensão de uma palavra” ou podem ter a extensão de uma sentença;
- (14) Mecanismos de reparo existem para lidar com erros e violações de tomada de turnos; por exemplo, se duas partes encontram-se falando ao mesmo tempo, uma delas irá parar prematuramente, reparando assim, o problema.

Essa teoria, segundo Marcuschi (2003) apresenta uma regra que tem a universalidade empírica de que “fala um de cada vez” além de algumas técnicas operacionais e que se propõe válidas para as interações espontâneas que é “livre de contexto” e mantém a “sensibilidade contextual”. Dessa forma, toda conversação deve apresentar os seguintes pontos:

- (a) A troca de falantes ocorre ou pelo menos ocorre;
- (b) Em qualquer turno, fala um de cada vez;
- (c) Ocorrências com mais de um falante por vez são comuns, mas breves;
- (d) Transições de um turno a outro sem intervalo e sem sobreposições extensas são a minoria;
- (e) A ordem dos turnos não é fixa, mas variável;
- (f) O tamanho do turno não é fixo, mas variável;
- (g) A extensão da conversação não é fixa nem previamente especificada;
- (h) O que cada falante dirá não é fixo nem previamente especificado;
- (i) A distribuição dos turnos não é fixa;
- (j) O número de participantes é variável;
- (k) A fala pode ser contínua ou descontínua;
- (l) São usadas técnicas de atribuição de turnos;
- (m) São empregadas diversas unidades construídas de turno: lexema, sintagma, sentença, etc.;
- (n) Certos mecanismos de reparação resolvem falhas ou violações nas tomadas (MARCUSCHI, 2003, p. 18).



De acordo com esse modelo, os turnos são formados por pelo menos uma UCT, sendo que o aspecto mais importante na construção do turno da fala é a projetabilidade e o lugar relevante para a transição.

As UCTs se caracterizam por dois traços, a projetabilidade e o Lugar Relevante para a Transição (LRT). A projetabilidade se refere ao fato de que os participantes podem prever, no curso da UCT, que tipo de unidade está sendo produzida pelo interlocutor e onde, provavelmente, essa unidade vai terminar (MAREGA; JUNG, 2011, p. 323).

Dessa forma, o conjunto das orientações transforma a tomada de turnos numa operação básica de conversação e o turno se torna componente central do modelo. Porém o turno não é a unidade conversacional por excelência.

O fim de um turno pode ser previsto por algumas pistas tais como: diferença na entonação, completude pragmática, completude sintática e pistas não verbais (gestos, olhares, sorrisos). A conclusão de um turno poderá se dar a qualquer momento relevante para a transição.

A determinação da mudança de turno é facilmente perceptível, entretanto o que determina a mudança e qual o momento propício para que ela ocorra não é tarefa fácil, pois a mudança de turno nem sempre ocorre com a conclusão de uma sentença. Uma das características da conversação, e que é uma das mais marcantes, é o fato de que os interlocutores alternam-se nos papéis de falante e ouvinte.

Os turnos conversacionais são classificados em duas modalidades: o turno nuclear e o turno inserido. O turno nuclear possui valor referencial nítido, veicula informação, o falante desenvolve o tópico em andamento.

- 555 L1 então o desen/ o desenvolvimento é bom porque ele dá chance de emprego para mais gente...  
L2 mas você está pegando uma coisin::nha assim sabe? Um cara que esteja desempregado também eu posso ... usar o mesmo exemplo num sentido contrário... o cara  
560 que está desempregado porque não consegue se empregar né? Na verdade não quer...ou um outro que:: assim... muito bem empregado executivo chefe de empresa e tal mas cheio das neuroses dele eu não sei qual esta melhor...  
565 L1 então você tem que abstrair desse aspecto porque você pode ter ambos os Ca::SOS... você tem que pegar na média esquecendo esse aspecto particular ...  
(Inq. 343, linhas 555-567)

As três intervenções do fragmento citado (duas de L1 e uma de L2) constituem exemplos de turnos nucleares, pois todas têm conteúdo informacional nítido e evidente. Veja-se: L1 afirma que o desenvolvimento é bom, porque dá chance de emprego para mais gente. L2 contesta as afirmações de L1, com base em casos individuais; este último responde que é preciso verificar a média dos casos, não os casos particulares.

As várias intervenções de L1 e L2 no exemplo 1 também constituem exemplos de turnos nucleares. A única exceção é a última intervenção de L2 ("um dia chuvoso"), que constitui um turno inserido (GALEMBECK, 1999, p. 61).

Por sua vez, o turno inserido não possui caráter referencial, não desenvolve o tópico de uma conversação. A função dos turnos dessa modalidade não inclui a transmissão de informação, mas indicar que um dos interlocutores monitora, acompanha, vigia, fiscaliza as palavras de quem fala. Entretanto, há casos em que o turno inserido liga-se, às vezes de forma marginal, ao desenvolvimento do tópico conversacional. Dessa forma, os turnos possuem a seguinte distinção: turnos inseridos de função predominantemente interacional; turnos inseridos que contribuem para o desenvolvimento do tópico. No primeiro grupo inserem-se os turnos que indicam reforço, pois o interlocutor aceita a posição de ouvinte e deseja permanecer como tal, indicam concordância ou entendimento, aviso de que o interlocutor deseja tomar o turno.

Turnos inseridos cuja função única é o reforço são particularmente representados por algumas expressões não verbais de valor fático (ahn, uhn). Essas expressões têm por função indicar que o canal de comunicação está aberto e que, assim, o falante pode continuar a sua fala (GALEMBECK, 1999, p. 68).

Os turnos inseridos que contribuem para o desenvolvimento do tópico estão relacionados ao tema da conversação e contribuem para o seu desenvolvimento da conversação. A função do turno inserido de valor referencial é resumir as palavras do seu interlocutor, como acontece no exemplo citado por Galembek (1999, p. 70):

L1 passei ali em frente à: Faculdade de Direito ... então estava lembrando ... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze ... (com) a tia sabe? .. e:: está muito pior a cidade ... está ... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo ... tudo acinzentado né?  
L2 uhn:: poluição né?  
L1 ruas mais ou menos sujas ... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né? ... achei horrível... feio feio feio ( ...) (Inq. 393, linhas 20-28)

Outro componente básico da sistemática do estudo do turno da fala é a alocação de turnos, que são as possibilidades de definir ou selecionar quem será o próximo falante. Marega & Jung (2011) apontam para dois tipos de práticas para a alocação de turnos ao próximo falante:

**a) A seleção do próximo - quando o falante corrente seleciona o próximo falante - geralmente se dirigindo ao destinatário verbalmente ou pelo olhar;**

**Excerto 02**

86 Lívia qual que é seu assunto polêmico, Ju?

87 Júlia o Big Brother

Nesse excerto, Lívia seleciona Júlia chamando-a pelo nome, “Ju”, para que ela responda a sua pergunta, a que Júlia prontamente atende. Ocorre, assim, a seleção do próximo falante (Júlia) a partir do falante atual (Lívia).

**b) A autoseleção, quando o próximo falante se autocandidata para tomar o turno.**

**Excerto 03**

543 Lívia Páginas da Vida era legal. (0,4) aquela:: Laços de 544 Família

545 Melissa ai é Manoel Carlos, né? não adianta.

546 Lívia É (grifos dos autores) (MAREGA & JUNG, 2011, p. 324).

A conversa, dessa forma, dispõe materiais empíricos que levam a observação sobre o uso dos componentes e da inclusão desta no modelo de tomada de turnos e os elementos a partir dos quais os turnos são construídos. Ainda, vale ressaltar que para a tomada de turnos da fala é importante levar em conta a produção do som, ou os conteúdos fonológicos e de entonação e dos demais recursos da fala em interação.

## **Considerações Finais**

A conclusão do presente trabalho não foi tarefa fácil. Apesar de se tratar de um tema que permeia nossa existência desde o dia em que fomos concebidos; analisar a conversação e organizar o conhecimento acerca da temática não foi tarefa fácil, pois se trata de particularidades específicas que por sua proximidade com nossa existência confunde os nossos sentidos.

A análise da conversação apresenta-se como uma possibilidade de mapear a ação dos falantes e ouvintes em cada momento específico da conversação, bem como o lugar que cada um ocupa no processo. Ao centrar o estudo na tipologia do turno conversacional percebe-se que a conversação possui uma característica

que é intrínseca – o dinamismo resultado da interação proximal dos interlocutores, que se evidenciam a medida que se estreitam as relações entre os interlocutores.

O presente estudo permitiu melhor compreender o quanto a fala é inteligível, organizada, passível de ser estuda e planejada, demonstrando a partir da tomada de turnos que as conversas cotidianas são sistêmicas e não desarranjadas, sem planejamento como apontam alguns olhos despreparados que a compreendem como uma ação caótica.

Ao estudar os turnos da fala é possível concluir que a conversação não possui apenas a característica de trocar informações, mas vai além, pois serve para estabelecer relações mais profundas, mesmo que por meio de repetições e desvios temático.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BORGES, Maria de L., GONÇALO, Claudio R. Contribuições da Análise da Conversa aos Estudos Organizacionais. **VI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – ENEO 2010**. Florianópolis, 23 a 25 de maio de 2010.

BORGES, Maria de L., SOUZA, Yeda S. Enfoque metodológico da Análise da Conversa: um estudo em contextos organizacionais emergenciais a partir de dados em tempo real. **III Congresso Internacional Red Pilares - La Administración y los Estudios Organizacionales en el Contexto Latinoamericano** - Porto Alegre y São Leopoldo, Brasil, Agosto, 26 al 29 de 2014

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GALEMBECK, P. T. O Turno conversacional. In: PRETI, D. (org.). **Análise de Textos Orais**. São Paulo, FFLCH/USP, 1999.

GARCEZ, Pedro M. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da language m em interação social. In: LODER, L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala-m-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. ampinas/SP: Mercado das Letras, 2008.

MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da Conversação**. São Paulo, Ática, 2003. Série Princípios.

MAREGA, Larissa M. P. JUNG, Neiva M. A sobreposição de falas na conversa cotidiana: disputa pela palavra? **VEREDAS ON LINE – ATEMÁTICA** – 1/2011, P. 321-337 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA.

PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2003.

RODRIGUES, Ângela C.S. Língua falada e língua escrita. In. PRETI, Dino (Org). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1999.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974. Tradução disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo14.pdf>>. Acesso em 25 jan 2015.

SAUSSURE, Ferdinand. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.